

# O CÂNONE CRÍTICO E HISTORIOGRÁFICO DE ÁLVARES DE AZEVEDO E A QUESTÃO DO FANTÁSTICO EM *NOITE NA TAVERNA*

## THE CANON OF CRITICISM AND HISTORIOGRAPHICAL ABOUT ÁLVARES DE AZEVEDO AND THE QUESTION OF THE FANTASTIC IN THE *NOITE NA TAVERNA*

Karla Menezes Lopes Niels (UNIRIO)

**RESUMO:** A fortuna crítica de Álvares de Azevedo tem enfatizado veementemente as características do gênero fantástico presentes em sua prosa. Embora na atualidade *Noite na Taverna* seja hegemonicamente considerada como uma narrativa fantástica, nem todos os seus contos correspondem àquela que é a mais tradicional concepção do gênero, a de Tzvetan Todorov. Apesar de não corresponderem plenamente à concepção toroviana do gênero, é possível encontrar em seu cânone crítico e historiográfico termos e categorias estéticas – “Fantástica”, “sobrenatural”, “de horror”, “tétrica”, “sombria”, “macabra”, “monstruosa”, “dantesca”, “simbolista *avantla lettre*”, “gótica”, “satanista”, “byroniana” – que aproximam os contos azevedianos do gênero fantástico. No entanto, a multiplicidade de termos e classificações não a caracterizam adequadamente e só demonstram a dificuldade de definir-lhe o gênero.

**Palavras-chave:** Crítica, historiografia, fantástico, Álvares de Azevedo.

**ABSTRACT:** The criticism fortune of Álvares de Azevedo has strongly emphasized the characteristics of the fantastic genre present in his prose. Although at present the *Taverna Night* is regarded as a hegemonic narrative fantastic, not all his short stories correspond to that which is the more traditional conception of gender, of Tzvetan Todorov. Although not fully match the design toroviana the genre, it is possible to find in your canon criticism and historiographical terms and aesthetic categories - “Fantastic”, “supernatural”, “horror”, “gloomy”, “dark”, “macabre” “monstrous”, “Dante”, “symbolist *avantla lettre*”, “gothic”, “Satanist”, “Byronic” - approaching the tales azevedianos the fantastic genre. However, the multiplicity of terms and classifications do not adequately characterize and only demonstrate the difficulty of defining him the genre.

**Keywords:** Criticism, historiography, fantastic, Álvares de Azevedo.

### 1. Introdução

Desde o século XIX, a obra de Manuel Antônio Álvares de Azevedo tem sido objeto de muitos estudos, teses, dissertações e apreciações críticas diversas. Contudo, a atenção que se dispensa aos títulos não é equitativa. Assim, as obras em prosa, como *Macário* e *Noite na taverna*, jamais gozaram do mesmo espaço e prestígio de *A lira dos vinte anos*, por exemplo, cuja fortuna crítica é significativamente mais extensa.

Ainda que haja um ou outro estudo de fôlego dedicado às incursões de Azevedo nos gêneros narrativo e dramático – e, para nomes como João Ribeiro e Mario de Andrade (cf. ROCHA, 1982, p. 57), *Macário* represente o nível mais alto da sua obra –, pode-se dizer que a prosa azevediana foi preterida ou relegada a um segundo plano pela crítica. Um exemplo contundente é o juízo de

Joaquim Nabuco (1875), que afirmava ser melhor para a memória do jovem paulista que esta parte de sua obra fosse esquecida – opinião compartilhada por Ferdinand Wolf (1863) e até mesmo por Machado de Assis (1866).

Consultas aos principais livros de história da literatura brasileira revelarão que nossa tradição historiográfica concede pouco ou nenhum espaço ao livro de contos de Azevedo. Néelson Werneck Sodré (1915) e José Aderaldo Castello (1999), por exemplo, sequer mencionam o teatro e a narrativa azevediana em suas obras. José Guilherme Merquior (1977), no pouco espaço que concede à prosa do paulista, julga-a sumariamente de desleixada e desigual. Massaud Moisés (1983, p.149) considera o fantástico de *Noite na taverna* como “inverossímil, artificioso, europeu e de segunda mão”. Antonio Candido (1971), no seu *Formação da Literatura Brasileira*, considera a produção byroniana de Azevedo como meras imitações, fruto de um satanismo provinciano<sup>1</sup>.

Somente a partir de meados do século XX surgiram estudos dedicados exclusivamente à *Noite na Taverna*, geralmente atrelando-a ao “byronismo” e ao “mal do século”. Nas décadas de 1980 e 1990, alguns ensaios passaram a considerar o livro de ensaios como sequência narrativa de Macário, seguindo a hipótese postulada por Veiga Miranda, em 1931, e retomada por Antonio Candido ao proferir, em setembro de 1981, na Academia Paulista de Letras, a palestra “Teatro e prosa de Álvares de Azevedo”<sup>2</sup>.

Nos últimos anos, temos percebido que *Noite na taverna* tem sido estudada na universidade como a primeira manifestação de uma literatura de cunho fantástico em nossas letras. Citamos como exemplo um artigo de Maria Cristina Batalha (2010, p. 4), de outubro de 2010, onde a ensaísta, ao traçar o percurso de uma possível literatura fantástica brasileira, aponta o escritor em questão como o primeiro e mais representativo autor desta pouco estudada vertente em nossa literatura. Para a ensaísta, os contos de *Noite na taverna* e o drama *Macário* inaugurariam, na literatura brasileira, uma espécie de “estética da incerteza”.

Afrânio Peixoto (1931), décadas antes, já havia filiado a prosa de Álvares de Azevedo ao gênero fantástico e de horror, ao afirmar que *Noite na Taverna* seria um conto fantástico, perverso e gótico que poderia ser classificado como o pioneiro desse gênero no Brasil. Mas não foi o único. Outros antes e depois dele se ocuparam de categorizá-la de diversas formas que contribuíram para a sua consagração como narrativa de gênero fantástico. A multiplicidade de termos – fantástica, fantasiosa, gótica, de terror, de horror, simbolista *avant la lettre*, produto do romance negro – que aparecem em sua fortuna crítica não só mostram a dificuldade de se definir o gênero da obra,

<sup>1</sup> Ressalte-se que Antonio Candido se dedicará a essa parte da produção literária azevediana na década de 1980.

<sup>2</sup> A palestra foi publicada no ano seguinte, como introdução a uma edição de *Macário*, e republicada sob o título “Educação pela Noite” sete anos depois, em 1989.

mas também a fizeram oscilar entre os gêneros conexos ao fantástico, a saber, o gótico, o estranho e o horror.

Embora na atualidade *Noite na Taverna* seja hegemonicamente considerada como uma narrativa fantástica, nem todos os seus contos correspondem àquela que é a mais tradicional concepção do gênero, a de Tzvetan Todorov. É o que postula Roberto de Souza Causo (2003), ao afirmar que a obra não se encaixaria estruturalmente neste modelo teórico. Para o ensaísta, a atmosfera construída por Azevedo não apresenta quaisquer acontecimentos inexplicáveis, imprecisos, em que personagem e leitor hesitem diante da ambiguidade dos lances do enredo, elementos essenciais para que seja considerada como pertencente ao gênero fantástico. Apenas o segundo conto, “Solferi”, estaria adequado à concepção todoroviana do fantástico, pois seria o único a apresentar a ambiguidade definidora do gênero.

Se *Noite na taverna* não corresponde plenamente à concepção de “fantástico” desenvolvida por Todorov, cabe-nos perguntar: em que momentos da história e da crítica literária brasileira a obra foi classificada com termos que a associam a uma forma de literatura incomum ao Brasil nacionalista da época?

## 2. A recepção crítica de *Noite na Taverna*

No século XIX, a crítica literária começa a se firmar com abordagens mais históricas e sociológicas, deixando de lado, progressivamente, a tradição da retórica e da poética clássicas. É durante esse período de ascensão e afirmação da crítica literária no Brasil que são publicadas as *Obras completas* de Manuel Antônio Álvares de Azevedo em dois volumes, em 1853 e 1855, respectivamente.

Após a publicação póstuma de suas obras, foram muitos os discursos laudatórios dedicados a ela, ou, mais precisamente, dedicados a sínteses biográficas a seu respeito, um procedimento característico da crítica da época:

As celebrações de escritores em cerimônias públicas, mediante alocações fúnebres ou comemorativas, bem como textos de apresentação protocolar de autores jovens ou estreates, [eram] práticas comuns na sociabilidade dos tempos românticos (SOUZA, 2009, p. 2).

Desse tipo de manifestação é possível destacar a “Notícia sobre Manuel Antônio Álvares de Azevedo”, de Joaquim Norberto de Sousa Silva, lido em uma das sessões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1872 e publicado no ano seguinte, como prefácio da terceira edição das *Obras completas*. Além de disseminar uma série de lendas sobre a vida do escritor, ainda hoje cultivadas, é a principal referência, no século XIX, da aproximação entre *Noite na taverna* e o gêne-

ro fantástico, ao fazer menção às suas “narrações monstruosas”, “cenas informes” e “inverossimilhanças” (SILVA, 2005, p. 161). Outros exemplos da tradição do biografismo são o “Discurso biográfico do bacharel M. A. Álvares de Azevedo”, do Dr. Domingo Jacy Monteiro, lido na quarta sessão solene do Ginásio Brasileiro e publicado como prefácio do primeiro tomo das *Obras completas* na edição de 1862, e o discurso pronunciado por Carlos Magalhães de Azeredo, em 15 de novembro de 1892, na sessão literária celebrada pela Academia de Direito de São Paulo, em honra a Álvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varela, depois publicado, em novembro do ano seguinte, n’*O Estado de São Paulo*. Esses discursos contribuíram, mesmo que indiretamente, para filiar os contos de *Noite na taverna* ao fantástico, ao chamarem atenção para a inverossimilhança das narrativas azevedianas.

Além dessas manifestações orais, encontramos ainda notícias sobre Álvares de Azevedo nas introduções de antologias e nos estudos de perfis biográficos, muitos deles presentes nas edições das *Obras completas*, como o discurso biográfico intitulado “Duas palavras”, do Dr. Domingo Jacy Monteiro, prefácio ao primeiro volume de 1853, e a biografia de Joaquim Manuel de Macedo, constante na edição portuguesa de *Noite na taverna*, de 1878, e na edição da Garnier, de 1902, bem como ainda a “Notícia biográfica”, de autoria anônima, publicada na edição portuguesa do *Poema do Frade* de 1890.

No século posterior, os estudos literários brasileiros assumiram nova feição, tornando-se mais especializados. Se, no Oitocentos, a fortuna crítica de *Noite na taverna* resumiu-se a discursos laudatórios sobre o autor, sínteses biográficas e textos resultantes de homenagens em cerimônias públicas, fúnebres ou comemorativas, no século XX começamos a observar mudanças de orientação nesses estudos. No entanto, os primeiros anos do século XX guardam uma estreita relação com o século anterior, dado que a crítica dessa época continua voltada para o biografismo ao modo de Sainte-Beuve, persistindo, por isso, em associar a produção literária de Azevedo a aspectos de sua vida e modo de ser.

Será somente a partir dos anos 1930 que se torna perceptível a mudança no movimento da crítica, quando a obra de Álvares de Azevedo passa a despertar considerações de ordem estética, e não mais biografista. Surgem pesquisas de maior fôlego, dedicadas a aspectos formais da literatura azevediana. Aparecem também os primeiros trabalhos que empreendem uma análise de maior profundidade teórica e estética sobre a presença de características do gênero fantástico nos contos do autor paulista. Dentre eles, destacam-se os de Afrânio Peixoto (1931), Homero Pires (1931 e 1942), Letícia Malard (1968) e Julio Jeha (1983).

Afrânio Peixoto aponta para os traços inovadores da produção de Azevedo, ressaltando

sua originalidade criadora, mas não escapa ao vício do século anterior, ao associar a obra do jovem à sua personalidade e à sua condição de espírito. Vale, contudo, observar a visão do crítico sobre o livro de contos, que, para ele, teria sido uma tentativa do gênero fantástico em nossas letras, “uma obra prima de puro romantismo, que pode estar, e estaria bem, entre as obras peregrinas desse gênero terrífico perverso e cruel” (PEIXOTO, 1931, p. 342).

Homero Pires eleva a posição de Azevedo como prosador, ao apontar a influência que exercera sobre escritores do romantismo e de fases literárias posteriores. Coloca-o em um patamar superior ao de seus contemporâneos, e até mesmo aos que lhe são anteriores, ao chamá-lo de “nosso romântico por excelência” (PIRES, 1931, p. 355). Para Pires, portanto, Álvares de Azevedo era um “[...] um narrador prodigioso de contos fantásticos e terríveis” (PIRES, 1942, p. XIII, v. 1), estudioso e ótimo leitor, e por isso mesmo suas criações em prosa foram impregnadas pela influência do Romantismo gótico inglês e das narrações fantásticas de Hoffmann e Poe.

Letícia Malard desenvolve um aprofundado estudo dos contos a partir de um dos principais traços estilísticos do gênero fantástico – a ambientação noturna. É à noite que as lembranças do passado surgem, que os mortos revivem, que o mal surge. Tudo o que se passará em torno da mesa da taverna “se concentra dramaticamente em torno da noite” (MALARD, 1968, p. 89), e Malard analisa como o campo semântico noturno – negro, escuro, as luzes que se apagam, sombra, trevas, meia-noite – contribuem para produzir um efeito de fantástico: “Tudo se acaba envolvido na escuridão, como se fosse uma representação teatral de horrores e alucinações” (Ibid., p. 92).

Julio Jeha, ao analisar a narrativa de Claudius Hermann, afirma que, embora o conto não se enquadre na tradicionais descrições do gênero, é possível encontrar traços característicos dele. A partir dos apontamentos de Bellemin-Nöel (1972) em “Notes sur le fantastique”, propõe que o fantástico se instaura, no caso deste conto específico, a partir da maneira pela qual é narrado. A oscilação das pessoas do narrador, ora primeira, ora terceira, causam no leitor, bem como no narratário, uma incerteza quanto à realidade factual daquilo que se narra (cf. JEHA, 1983, p. 124 -134). Lembremos que foi Arnold quem terminara a narrativa de Hermann, quando o narrador baixa a cabeça e reluta em continuar a sua história, um indício definitivo da oscilação dos narradores.

### **3. A questão do fantástico em *Noite na Taverna***

O fato inquestionável é que boa parte da fortuna crítica de Azevedo emprega o adjetivo *fantástico* para caracterizar os contos de *Noite na taverna*. Karin Volobuef advertiu que o termo, na maioria das referências críticas, deveria “ser entendido como sinônimo de excêntrico, mirabolante e exagerado” (VOLOBUEF, 1999, p. 199). Vale lembrar, entretanto, que, antes dos estudos de Tzve-

tan Todorov, na década de 70, “a crítica designava como fantástica toda narrativa de fatos que não pertenciam ao mundo real, contrariando a realidade que nos cerca” (BATALHA, 2011, p. 13), caracterização pois bastante abrangente, que englobava desde o onírico ao sobrenatural. Assim, tudo o que não era passível de ser descrito como realista era enquadrado na condição de fantástico.

Para compreender o motivo pelo qual, desde as primeiras edições, *Noite na taverna* foi categorizada como obra de cunho fantástico, é necessário entender o uso do termo pelos estudos literários ao longo dos anos. Maria Cristina Batalha aponta que o termo foi e ainda é usado para designar as mais diferentes manifestações literárias. A dificuldade remonta às “diferentes concepções filosóficas do final do século XVIII” (ibid., p. 12) que atribuíram ao termo diversos sentidos, bem como aos problemas relacionados à tradução do termo de uma para outra língua europeia:

[...] na França, por volta de 1830, quando os românticos se apropriaram do termo tentando desvincula-lo da tradição gótica, eles o reinvestem com um sentido radicalmente novo, ao mesmo tempo em que o substantivam: a partir desta época, para os românticos franceses, “o fantástico” estará definitivamente associado ao nome do contista alemão E.T.A. Hoffmann, embora não tenha sido ele o criador do gênero (Ibid., p. 12-13).

A literatura francesa foi uma das mais difundidas entre nós durante o Romantismo. Era comum que até mesmo produtos de outras letras, europeias ou não, chegassem até nós em traduções francesas. Como Hoffmann é mencionado em *Noite na Taverna*, a crítica associou a obra ao escritor alemão, relacionando-a, por conseguinte, ao gênero fantástico.

O fantástico em *Noite na taverna* ocorre através da exploração de temas transgressores que promovem a incerteza, o questionamento da realidade e da veracidade daquilo que o homem conhece acerca do mundo que o cerceia. Todos os temas trabalhados pelo o gênero foram explorados por Azevedo na parte soturna de sua obra, que se convencionou chamar byroniana. Assim como em Poe, sua prosa apoiou-se no fantástico das exacerbações da natureza e do ser humano. Por isso, causou nos seus leitores, tanto do seu próprio século quanto dos subsequentes, um impacto semelhante àquele determinado por uma narrativa genuinamente fantástica segundo o modelo todoroviano, produzindo, assim, uma experiência de leitura que impulsiona o processo catártico.

Mesmo que, após os estudos de Antônio Candido (1982, 1989), a crítica de Álvares de Azevedo tenha mudado seu curso, evitando, em alguns casos, a associação dos contos de *Noite na taverna* ao gênero fantástico, como é o caso do estudo de Décio de Almeida Prado (1996) e de Hélio Lopes (1997), é possível perceber uma contínua persistência em demonstrar seus vínculos com este gênero, o que fica ainda mais evidente mediante a apreciação dos estudos contemporâneos sobre a prosa do jovem paulista. São inúmeros os ensaios acadêmicos que vislumbram no surgimento desses contos, em 1855, o início de uma literatura fantástica brasileira, haja vista os comentados

juízos críticos de Cilaine Alves (2004) e Maria Cristina Batalha (2010).

Ao explorar temas tabus, como a necrofilia e o canibalismo, inscreveu-se entre as obras fantásticas herdeiras do gótico que se dedicaram ao enfrentamento dos tabus e da exploração do lado irracional do homem e da sociedade.

Os escritores góticos do XVIII foram os primeiros a trabalhar com temas controversos, em especial os que envolviam morte e sexualidade. Seus finais, no entanto, eram, geralmente, moralizantes e adequados aos “bons princípios da fé cristã”. Os gêneros que deles se desdobraram, o fantástico e o horror, por exemplo, ao aparecerem num momento bastante particular da civilização europeia – a ascensão da burguesia e a queda da aristocracia, as revoluções, enfim, o Iluminismo –, foram mais além, promovendo uma profunda exploração de tais temas. Por isso, a literatura resultante desse tempo dedicou-se exaustivamente à exploração dos tabus e da irracionalidade humana. Em especial, aqueles temas que trabalham com a morte, como o caso da maior parte das narrativas de Poe, foram ainda mais explorados. Para grande maioria da humanidade a morte é um mistério e, portanto, o perfeito ponto de pressão psicológica e mobilização do leitor de qualquer época. É como se tudo que fosse velado, no caso, a morte, despertasse interesse no público no sentido de se colocar a moralidade à prova; e, mais até do que isso, de se contestar o racional através não somente do sobrenatural, mas da representação de atitudes animais que o homem é capaz de ter.

O gênero fantástico, entretanto, atravessou diferentes fases. Na passagem do século XVIII para o XIX, quando do seu surgimento, exigia a presença do sobrenatural, como no caso das narrativas Hoffmann e Maupassant; já em meados do século XIX, em que se consolidou, passou a explorar mais o psicológico humano, inserindo nas narrativas temas como a loucura, alucinações e pesadelos.

Apesar de cada um dos temas tabus em Azevedo ser abordado sob uma perspectiva romântica, em que cada violação moral é descrita com linguajar apto a amenizar o horror das ações narradas, ao abordá-los numa sociedade patriarcal, como a brasileira do século XIX, o jovem paulista conseguiu um efeito muito semelhante às narrativas de Poe, cujos epílogos efetivamente não são nada moralizantes.

## Referências

ALVES, Cilaine. “A fundação da literatura brasileira em *Noite na taverna*”. In: *Intinerários – Revista de Literatura*. Araraquara: Unesp/FCL, n. 22, 2004.

ASSIS, Machado de. “Fagundes Varela: Cantos e fantasias”. In: *Obra Completa*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006 [1866].

AZEREDO, Carlos Magalhães de. Discurso pronunciado a 15 de novembro de 1892 na sessão literária celebrada pela Academia de Direito de São Paulo em honra a Álvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varela. São Paulo: Typ. Da Companhia Industrial, 1893. In: O estado de São Paulo, 23. 24 e 25 nov., 1893.

BATALHA, Maria Cristina. “A literatura fantástica seu lugar na série literária brasileira”. In: *Actas del Coloquio Internacional Fanperu*. Centro de Estudos Antonio Correjo Polar, Lima, 2010.

\_\_\_\_\_. (org). “Introdução”. In: *O fantástico brasileiro; contos esquecidos*. Rio de Janeiro: Ed. Caetés, 2011.

CANDIDO, Antonio. “Ariel e Caliban”. In: *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins, 1971, v.2.

\_\_\_\_\_. “Teatro e Narrativa em Prosa de Álvares de Azevedo”. In: Álvares de Azevedo. *Macário*. Campinas: IEL/Unicamp, 1982.

\_\_\_\_\_. “Educação pela Noite”. In: *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ed. Ática, 1989. São Paulo: Ática, 1989.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade*. São Paulo: Edusp, 2004 [1999], v.1.

CAUSO, Roberto de Souza. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil; 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

JEHA, Julio. “Claudius Hermann e o fantástico”. In: O Eixo e a Roda – Revista de Literatura Brasileira, Belo Horizonte, DLV/FL/UFMG, ano 1, n.1, junho de 1983.

PEIXOTO, Afrânio. “A originalidade de Álvares de Azevedo”. In: *Revista Nova*, ano I, n. 3, 1931.

PIRES. Homero. “Influência de Álvares de Azevedo”. In: *Revista Nova*, ano I, n. 3, 1931.

\_\_\_\_\_. “Introdução”. In: Álvares de Azevedo, *Obras Completas de Álvares de Azevedo*, Homero Pires (org). Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942, v.1.

PRADO, Décio de Almeida. “Um drama fantástico: Álvares de Azevedo”. In: *O Drama Romântico Brasileiro*, São Paulo, Perspectiva, 1996.

MACEDO. J. M. de. “Esboço biographico de Manuel Antonio Álvares de Azevedo”. In: AZEVEDO, Álvares de. *A noite na taverna: contos phantasticos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.

MALARD, Letícia. *Escritos de Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Comunicação, 1981.

MERQUIOR. José Guilherme. *De Anchieta a Euclides, Breve História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

MIRANDA, Veiga. *Álvares de Azevedo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1931.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix/Medusa, 1983.

MONTEIRO, Jacy. *Duas palavras*. In: AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Tipografia Americana, 1853.

\_\_\_\_\_. *Álvares de Azevedo*. In: AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*. Alexei Bueno, Org.; textos críticos, Jaci Monteiro et al – Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

NABUCO, Joaquim. “Álvares de Azevedo”. In: Folhetim do Globo, *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1875.

OLIVEIRA, Jefferson Donizete de. Um sussurro nas trevas: uma revisão da recepção crítica e literária de *Noite na Taverna* de Álvares de Azevedo. USP, 2010. [dissertação de mestrado].

ROCHA, Hildon. “Álvares de Azevedo e Ficção Fantástica”. In: AZEVEDO, Álvares de. *Macário, Noite na taverna e poemas malditos*. ROCHA, Hildon (org). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. “Notícia sobre M. A. Álvares de Azevedo e suas obras”. In: *Crítica Reunida 1850-1892*. Org. de José Américo Miranda et al. Porto alegre: Nova Prova, 2005.

SODRÉ, Néelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964 [1938].

SOUZA, Roberto Acízelo de. “A ideia da crítica no Romantismo Brasileiro. Ideias e Matizes”. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009. Inédito.

WOLF, Ferdinand. *O Brasil Literário*. São Paulo: Companhia Nacional, 1955 [1863].